

NATAL NA LITERATURA BRASILEIRA

Entre nós, o tema do Natal foi fartamente focalizado por prosadores e poetas, a começar de Machado de Assis, com seu poema sempre citado. As coisas realmente mudaram como ele insinuou em seus versos. Hoje, ao contrário de antigamente, já não se escrevem sonetos, contos ou peças de teatro tomando como inspiração o forte simbolismo do nascimento de Cristo. A festa persiste, mas com seu espírito mudado, refletindo o mundo apressado e eficiente dos homens modernos.

Luiz Carlos Lisboa

"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

Na época em que Machado de Assis fez o verso famoso, era fácil imaginar que o homem houvesse mudado, já não podendo ver com os mesmos olhos de criança o encanto simples do Natal. Hoje seria diferente: a festa mudou também seu espírito, no mundo apressado e eficiente dos homens. Por isso mesmo já não se escrevem sonetos, contos ou peças de teatro, tomando como inspiração o antigo e forte simbolismo do nascimento de Cristo. Em nossa literatura, esses registros são cada vez mais raros.

O Padre Vieira imaginou, no *Sermão Contra as Armas Holandesas*, um Brasil varrido da Cristandade, esquecido das belezas do Natal e ignorante dos seus festejos. "Passará um dia de Natal e não haverá memória do Vosso nascimento", dizia o pregador, ameaçando com a desolação dessa época. Mais tarde, é Machado quem se comove com a alma da festa, na cidade e nas casas, passando pelo coração dos homens. Num crônica publicada a 25 de dezembro de 1892, o escritor medita sobre a triste sorte de cinco odaliscas que foram vendidas a um sultão, e pouco depois assassinadas por outras concorrentes. No Brasil, sofrem apenas os leitões, nesta época. "Falemos de um triste leitão que ouvi grunhir agora mesmo no Largo da Carioca. La atado pelos pés, dorso para baixo, seguro pela mão de um criado, que o levava de presente a alguém: é véspera de Natal."

Machado de Assis inaugura com *A Missa do Galo* a preocupação com o Natal

O conto *A Missa do Galo* é mais caloroso e é um dos melhores do autor. Enquanto espera que o chorem para a missa da meia-noite, o personagem entretém uma conversa com uma mulher habitualmente recatada, que naquele momento parece muito próxima dele. Rui Barbosa coloca em sua *Prece de Natal* alguns momentos de rara beleza, mas não contém uma nota política em seu desfecho: "Cura a nossa pátria da aridez

de alma, que a mata, semeando a tua semente nesta geração que desponta. Permite, enfim, que nossos filhos possam celebrar com os seus, em dias mais ditosos, a alegria do Teu Natal."

Olavo Bilac aplicou ao tema, mais de uma vez, seu domínio absoluto da arte de poetar:

"Jesus nasceu! Na abóboda infinita
Soam cânticos vivos de alegria;
E toda vida universal palpita
Dentro daquela pobre estrebaria..."

E mais adiante:
"Natal! Natal! Em toda a natureza
Há sorrisos e cantos, neste dia...
Salve, Deus da humildade e da pobreza,
Nascido numa pobre estrebaria."

Um poema de Jules Laforgue, *Natal Céptico*, foi magistralmente traduzido entre nós por Luis Martins:
"E longamente fico assim, fora do mundo...
Sinto-me um pária, só, a quem nada mais resta,
A quem o vento traz, em meu recanto imundo,
O longínquo rumor de uma noite de festa."

Luís da Câmara Cascudo conta como uma aranha salvou o Menino Jesus. Coelho Neto escreve várias historietas natalinas. Olegário Mariano faz pequenos poemas sobre o clima que cerca a data. Soares de Azevedo tem um conto original, *O Natal do meu guarda-noturno*. Alceu Amoroso Lima publica um artigo magnífico, em 1934, que chama de *Meditação pelo Natal*. O *Auto de Natal Pernambuco*, de João Cabral de Melo Neto, é uma peça inesquecível. Em *Mistérios*, Lygia Fagundes Telles fala do Natal na Barca, uma história densa que produz calafrios e entenece. A história *O Peru de Natal*, de Mário de Andrade, em *Contos Novos*, é um exemplo acabado de história curta brasileira.

Em *Árvore de Natal*, é Raul de Leoni quem diz:

"É a tarde que se vai lentamente
Apagando,
Na aquarela chinesa do jardim,
Semeando alegrias e esperanças —
Minha tristeza é assim uma piedosa e linda
Árvore de Natal entre as crianças..."

Carlos Drummond de Andrade termina assim *Interpretações de Dezembro*:

"É a noite natural
E não encantada,
Ao sopro das lendas,
É algo irredutível
Mas incorporado
Ao coração do mito.
É um menino em vós
Ou fora de vós
Recalhendo o mito."

O mesmo Drummond, em *Papai Noel às avessas*, conclui:

"Os pequenos continuavam dormindo.
Longe, um galo comunicou o nascimento de Cristo.
Papai Noel voltou de manso para a cozinha,
Apagou a luz, saiu pela porta dos fundos.
Na horta, o luar de Natal abençoava os legumes."

O riso amargo no conto Papai Noel Ladrão, de Bernardo Élis

O conto de Bernardo Élis, *Papai Noel Ladrão*, é a história do filho da cozinheira que põe o sapato da mãe na janela para que fique esquecido, como no ano passado, e esse único sapato é roubado por um cachorro faminto. No livro *Três Ensaio*, Peregrino Júnior mostra uma noite de Natal no Amazonas, em que um grupo vê passar um vapor iluminado na noite, e passa a falar na Nau Catarineta, na boiúna, no boto, na cobra-d'água. "A curuminhada se benze, transida, encolhendo-se num calafrio de terror. E na noite de Natal, na Amazônia, passeiam soltas nas sombras da mata os duendes da floresta." Manuel Bandeira, em 1952, escreveu *Natal sem sinos*:

"No pátio a noite é sem silêncio.
O que é a noite sem o silêncio?
A noite é sem silêncio e no entanto onde os sinos
Do meu Natal sem sinos?
Ah, meninos, sinos
De quando eu menino!"
E concluindo:
"Bimbalhai, meninos.
Pelos sinos (sinos que não ouço), os sinos de Santa Luzia."

A cooperação de Vinícius antes da fase boêmia e do amor sensual